

Roberto Rodrigues

Desafio ao campo

da Redação

“O Brasil tem hoje 62 milhões de hectares agricultáveis. E mais de 200 milhões de hectares de pastagens, dos quais 90 milhões são aptos para agricultura. Não há nenhum continente, para não falar país, com este potencial de crescimento espantoso, que não implica em derrubar a Amazônia: são pastagens, já conquistadas de qualquer bioma do País. É claro que isto apavora nossos concorrentes, que tratam de criar todo tipo de barreira, e até de contra-propaganda.”

É o que diz o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, ao citar as oportunidades para o agronegócio brasileiro. “Somos o maior exportador mundial de oito *commodities* e temos potencial de crescimento em outros produtos, principalmente em agroenergia”, diz.

Também com larga experiência acadêmica, Rodrigues assume a coordenação do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas. Reassume, ainda, posição de liderança no setor, como presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). “Vou fazer o que sempre fiz: defender a agricultura, que é o grande motor deste país”, diz o ex-ministro da Agricultura e da Pecuária.

Engenheiro agrônomo formado pela ESALQ/USP em 1965 e professor do departamento de Economia Rural da UNESP-Jaboticabal, ele foi secretário de Agricultura e do Abastecimento do estado de São Paulo, além de presidente das mais importantes entidades do agronegócio brasileiro e internacional: Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB),

Sociedade Rural Brasileira (SRB), Associação Brasileira de Agribusiness (Abag) e a Organização Internacional de Cooperativas Agrícolas, entre tantas outras.

AGROANALYSIS Quais são as principais causas da crise da agricultura brasileira?

ROBERTO RODRIGUES O agronegócio brasileiro passou por um conjunto inédito de dificuldades a partir de 2004, sofrendo uma perda de renda sem precedentes, devido a: (a) aumentos de custos de produção, motivados pelo crescimento da demanda por insumos e pelos preços ascendentes do petróleo e aço; (b) diminuição dos preços internos e externos, seja pela oferta ampliada, seja pela questão

da valorização do real frente ao dólar; (c) quebras de safra causadas por dois anos de secas no sul do País e em outras regiões; (d) as restrições às importações de carnes, por causa de novos focos de aftosa e pela *influenza* aviária na Ásia e na Europa; (e) o sucateamento da infra-estrutura de transportes; e (f) as questões macroeconômicas recorrentes – juros altos, câmbio desfavorável e tributação elevada. Todos foram fatores preponderantes para a maior crise do agronegócio em 40 anos. A incapacidade da OMC em reduzir o protecionismo agrícola também contribuiu para a manutenção das dificuldades de acesso aos mercados dos países ricos.

AGROANALYSIS Já dá para vislumbrar alguma luz no fim do túnel?

RODRIGUES O quadro favorável para o setor sucroalcooleiro e a recuperação de alguns preços nas últimas semanas são insuficientes para trazer de volta o ânimo aos produtores rurais mas, é preciso perscrutar o futuro, analisar as grandes tendências mundiais do consumo de produtos agrícolas e cuidar de estabelecer as mudanças internas, por meio das políticas públicas e organização privada,

“O grande desafio da humanidade no século 21 é reduzir o abismo entre países ricos e pobres, ou entre pessoas pobres e ricas dentro de um mesmo país”



capazes de garantir o crescimento deste importante setor da economia brasileira. Há uma crescente demanda, entre os consumidores mais abonados do mundo todo por produtos de melhor qualidade. Sabor, aparência e preço têm muito peso, mas também avança a exigência de informações sobre a origem dos produtos, como foram desenvolvidas, sua influência sobre o meio-ambiente e a saúde humana e animal. Há nichos para produtos orgânicos e alimentos processados.

AGROANALYSIS O agronegócio vai conseguir atender as novas demandas, inclusive o crescimento da população mundial?

RODRIGUES Deverá ocorrer uma importante mudança de hábitos alimentares, bem como na procura de produtos para energia renovável, em função de uma série de fatores. Dados das Nações Unidas indicam que a população planetária, de 6,07 bilhões de pessoas em 2000, será de 8,13 bilhões em 2030, um crescimento espetacular de 35%, concentrado na Ásia, que terá quase 60% do total deste aumento: serão mais de 2 bilhões de novas bocas a alimentar. De outro lado, mudará o perfil desta população: em 2000, 53% dos terráqueos estavam na zona rural, e em 2030 serão apenas 39%. É claro que isto implica mudanças de hábitos alimentares, dada a complexidade da vida urbana. Outro fator que provocará a mudança de hábito alimentar é a nova expectativa de vida, crescente no mundo todo. Em 2000, havia 600 milhões de pessoas com mais de 60 anos no mundo; em 2030 serão 1,4 bilhão, um aumento de 124%; mais ainda: em 2030 seremos 1,39 milhão de pessoas com mais de 100 anos.

AGROANALYSIS Como o setor deve se preparar para esses novos desafios?

RODRIGUES Todos esses dados sinalizam para um aumento do consumo de carnes, leite, verduras, laticínios, e menor crescimento do consumo de carboidratos. Haverá também diferenças na distribuição das faixas de renda. Espera-se um crescimento econômico mundial superior a 3% ao ano nos próximos 10

anos. Mas os países desenvolvidos crescerão 2,4%, enquanto os emergentes crescerão 4,6%, quase o dobro, o que determina diferenças nos fluxos do comércio de produtos agrícolas.

AGROANALYSIS As mudanças no sistema de produção não podem trazer impactos negativos ao ambiente, como a devastação de florestas e a escassez de água?

RODRIGUES Preocupações com o meio-ambiente e, especialmente, com a água, terão papel dominante na definição de sistemas de produção, criando novos mecanismos financeiros para o uso adequado dos recursos naturais. Mesmo no tema das negociações internacionais, movimentos terão que ocorrer. E isto não se dará por benevolência dos países ricos, e sim por necessidade deles mesmos. O grande desafio da humanidade no século 21 é reduzir o abismo entre países ricos e pobres, ou entre pessoas pobres e ricas dentro de um mesmo país. Todo mundo está de acordo que é preciso melhorar a distribuição da renda para garantir a defesa da democracia e da paz universal. Mas só a renda dos outros. Para equacionar esta questão a abertura comercial agrícola é essencial. Afinal, os ricos podem pagar para seus agricultores não produzirem, enquanto os emergentes precisam produzir para pagar suas dívidas. É por isto que a Rodada de Doha terá de chegar a algum tipo de acordo mais favorável aos países em desenvolvimento, como, aliás, já sinalizam as vitórias brasileiras nos painéis do açúcar, contra a UE, e algodão, contra os EUA.

AGROANALYSIS Hoje se elogia a excelência brasileira na produção de biocombustíveis. Qual será o papel do Brasil nesse novo cenário mundial?

RODRIGUES Se hoje o Brasil já é o maior exportador mundial de oito *commodities* (açúcar, café, suco de laranja, complexo soja, carne bovina, carne de frango, tabaco e etanol), o potencial de crescimento nestes e em outros produtos é muito grande. Mas talvez a agroenergia seja a mais importante modificação do agro-

negócio mundial, na verdade, um novo paradigma. Aliás, é difícil compreender como a humanidade, em poucas décadas do século 20, construiu toda uma civilização sobre os alicerces pantanosos do petróleo, produto fóssil, finito, mal distribuído entre os países e regiões, e dominado por poucas empresas. É incrível! Mas, de qualquer maneira, a alvorada do terceiro milênio mostra que o "império" do petróleo vai chegando ao seu ocaso nas próximas quatro, cinco ou seis décadas.

AGROANALYSIS Nessa área, o Brasil pode contribuir com a produção de etanol e biodiesel, principalmente.

RODRIGUES O etanol e o biodiesel estão nesse caminho, assim como a madeira, resíduos de produção animal e vegetal, e a biomassa em geral. Tais combustíveis, renováveis, ambientalmente menos agressivos, mais democráticos (porque qualquer país pode produzi-los), criarão uma nova civilização, mais justa e equilibrada. E, nem que os preços do petróleo voltem a cair, os biocombustíveis são agora irreversíveis, porque são estratégicos e porque será preciso garantir a segurança energética, como a segurança alimentar foi a grande prioridade estratégica na segunda metade do século passado.

AGROANALYSIS Nesse cenário mutante, o que o Brasil pode fazer para participar mais intensamente destes novos mercados?

RODRIGUES O agronegócio já é o maior setor da economia brasileira, representando quase 30% do PIB nacional, gerando 37% de todos os empregos e respondendo por 40% das exportações, sustentando nosso saldo comercial. União Européia e Estados Unidos são nossos maiores mercados (quase 50% do total), mas novos países emergentes, como a China (7,1%), o Oriente Médio (12,7%) e outros países asiáticos (12,7%), estão crescendo. Há 50 anos, o café representava 75% das nossas exportações e hoje menos de 7%, enquanto a soja, que nem existia em 1950, hoje é mais de 21% das vendas externas. Carnes, couro e seus produtos já somam 25%, e isso aconteceu em muito pouco tempo.

“ Não existe mais o jeca-tatu ou o coronel dos grotões. Nosso agropecuarista é eficiente, capaz e competitivo”

AGROANALYSIS Como explicar esse fenômeno?

RODRIGUES O primeiro fator é tecnologia: o Brasil detém hoje a melhor tecnologia tropical do planeta. Não é à toa, por exemplo, que a área de grãos cultivada aumentou 25% nos últimos 15 anos, e a produção aumentou 107%. E só não foi mais, por causa dos dois anos seguidos de seca pesadíssima. A produção de carne bovina cresceu 71% em 12 anos, a carne suína 113% e a de frangos 170%.

AGROANALYSIS E temos potencial para crescer muito mais do que isto?

RODRIGUES Temos hoje 62 milhões de hectares agricultáveis (15 com culturas permanentes e 47 com culturas anuais). E mais de 200 milhões de hectares de pastagens, dos quais 90 milhões são aptos para agricultura. Não há nenhum continente, para não falar país, com este potencial de crescimento espantoso, que não implica em derrubar a Amazônia: são pastagens, já conquistada a qualquer bioma do país. É claro que isto apavora nossos concorrentes, que, observando nosso crescimento, tratam de criar todo tipo de barreira, e até de contra-propaganda. Mesmo assim, competimos bem. Só no caso do etanol, para o qual usamos 3 milhões de hectares plantados com cana, há espaço para multiplicar esta área, além da capacidade de gerar tecnologia para ganhar produtividade. O biodiesel, por sua vez, tem potencial quase ilimitado, dadas as diversas matérias-primas que o Brasil pode usar, em função das suas disparidades regionais:

mamona e pinhão manso no semi-árido, óleo de palma na Amazônia, e soja, girassol, amendoim, algodão, sebo bovino, entre outros, no País inteiro. Temos quase 20% da água doce do planeta, e uma biodiversidade fecunda na geração de novos produtos. Mas, principalmente, temos produtores extremamente competitivos, o que permitiu esse crescimento espantoso no Brasil nos últimos anos. É claro que políticas públicas foram relevantes, como os mecanismos de financiamento para investimentos (como o Moderfrota), o alongamento das dívidas (secutirização, Pesa e Recoop). Também os bons preços internacionais dos anos 2002/2003 ajudaram, acoplados ao câmbio favorável.

AGROANALYSIS Qual é a imagem do agro-negócio na sociedade urbana?

RODRIGUES A sociedade brasileira precisa compreender que um novo ciclo de progresso rural alavancará um salto de desenvolvimento único para o País. Precisa entender que podemos liderar a criação de uma nova civilização por meio da agro-energia, sem que isso signifique destruir nossos recursos naturais. Ao contrário: os números da produção de grãos mostram isso. Se não tivéssemos evoluído tecnologicamente e gerencialmente nos últimos anos, a terra necessária para termos a produção de grãos deste ano seria muito maior. Portanto, nosso padrão tecnológico é preservacionista. E o apoio ao produtor deve vir da pressão da sociedade urbana, como já ocorre em países desenvolvidos há décadas. Não existe mais o jeca-tatu ou

o coronel dos grotões. Nosso agropecuarista é eficiente, capaz e competitivo, o que dá à própria reforma agrária um conceito diferente de 50 anos atrás, quando de fato nossa agricultura ainda tinha núcleos de grande incompetência.

AGROANALYSIS Quais são os principais desafios da política agrícola?

RODRIGUES Já existe um diagnóstico perfeito a esse respeito, e o próprio Ministério da Agricultura tem clareza do que deve ser feito, e vem trabalhando em busca do consenso dentro do governo como um todo para implantar medidas de modernização e fortalecimento do campo. O principal item é uma política de renda para o setor. E, neste, o seguro rural é a grande necessidade. De outro lado, devemos buscar novos mecanismos de crédito rural, inclusive habilitando os bancos privados a trabalharem com a Caderneta de Poupança Rural, a operarem com recursos do Crédito Rural Equalizáveis pelo Tesouro e a repassarem recursos dos Fundos Constitucionais (FCO, FNE). Os bancos cooperativos devem ser cada mais apoiados e devem ser ampliados os mercados futuros, sobretudo desburocratizando os novos títulos criados pelo governo. É fundamental o rigoroso investimento em infra-estrutura e logística, para viabilizar a atividade rural em áreas mais distantes e também para conferir condições competitivas aos produtores tradicionais. Espera-se que as Parcerias Públicas e Privadas ajudem neste caminho. As perdas recentes com a aftosa são exemplares, mostrando ao governo e ao setor privado a necessidade de andarem juntos nesta questão. A rastreabilidade e a certificação se acoplam à questão sanitária, embora não façam parte dela. Do lado privado, além das parcerias já referidas, é imperioso uma melhor articulação dos diferentes elos de cada cadeia produtiva, em benefício da sua sustentabilidade. Se todos esses pontos, já conhecidos e repetidos, forem tratados, o céu é o limite para o agronegócio brasileiro. Quem viver, verá! ■